

# O IMPACTO DOS *MEDIA* NA CONSTRUÇÃO DA PERSONALIDADE DA CRIANÇA

- UMA PERSPECTIVA DE ENFERMAGEM -



Inês Elias Malheiros  
Sara Abrunhosa Pires Marinho  
Sara Raquel Silva Tavares

**Resumo:** O presente artigo de revisão, tem como principal objetivo ilustrar, de uma

forma clara e sucinta, o impacto que os meios de comunicação social têm sobre a construção da personalidade da criança, ou seja, mais concretamente, sobre o seu quotidiano. Neste sentido, começa-se por abordar, numa perspectiva de enquadramento histórico e teórico, os conceitos de *media* e meios de comunicação social, importantes para a compreensão deste artigo. Seguidamente, são enumerados os vários meios de comunicação social, aludindo à influência que têm no quotidiano e, por conseguinte, no comportamento da criança, abordando aspectos como a violência, a promiscuidade e alterações na percepção da realidade. Por fim, esclarecemos o papel do enfermeiro, famílias e educadores no acompanhamento da criança em convivência com os *media*, e qual a conduta adequada a ser estabelecida.

**Palavras-Chave:** Meios de Comunicação Social, Enfermagem, Educadores, Pais, Crianças.

## THE IMPACT OF *MEDIA* ON THE CONSTRUCTION OF A CHILD'S PERSONALITY - A NURSING PERSPECTIVE -

**Abstract:** The purpose of this article is to illustrate the impact of the means of social communication on the construction of a child's personality and daily life, having the contents presented in a clear and synthetic way. Thus, we start by showing an historic and theoretical perspective of the concepts of *media* and means of social communication, which are very relevant for the understanding of this article. Then, we present the different means of social communication and their influence on a child's daily life and behavior, reporting to violence, promiscuity and reality perception changes. In the end, and because it's crucial to mention it, we explain the nurse's, the family's and the educator's roles on this issue, and how they could be properly established.

Estudantes do Oitavo Curso de Licenciatura em Enfermagem da Escola Superior de Saúde do IPS.

**Key-words:** Means of Social Communication, Nursing, Educators, Parents, Children.

## NOTA INTRODUTÓRIA

Este trabalho pretende ilustrar, com base na literatura científica existente, uma perspectiva de enfermagem sobre o impacto dos *media* na construção da personalidade da criança.

A escolha do presente tema prendeu-se com a existência de dados estatísticos recentes que ilustram uma realidade preocupante sobre a influência dos diferentes meios de comunicação, no desenvolvimento da criança.

Desta feita, apresentaremos algumas considerações sobre a qualidade do tempo de convivência da criança com o mundo através dos *media*, visando compreender e dar a compreender, de que forma é que este tempo influencia o desenvolvimento da criança e como o enfermeiro pode ajudar os pais/educadores, a orientarem a sua gestão partilhando-a com a criança.

## SOBRE OS *MEDIA* E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL...

Primeiramente torna-se pertinente definir e clarificar os conceitos de *media* e meios de comunicação social. Segundo Alves (1999: 4), a expressão "meios de comunicação social" deriva dos termos ingleses *mass media* ou *meios de massa*, e reporta-se a "sistemas mecanizados e electrónicos que, explorados por organizações e profissionais especializados, difundem idênticas mensagens para vastos públicos dispersos e heterogêneos".

O Council of Europe (2002) citado por Santos (2006: 1), partilha da mesma opinião ao afirmar que *media* é uma importante, senão a mais importante, fonte de informação para a formação de opiniões individuais e disseminação de inúmeras perspectivas sobre as mais variadas temáticas.

Deste modo, este processo de comunicação não deve ser visto como um fluxo linear unidireccional, no qual o espectador é visto como inerte e passivo, uma vez que o sentido das mensagens é construído numa relação entre o universo particular do sujeito e os produtos



dos meios de comunicação social. (DUARTE *et al*, 2006: 497).

Numa perspectiva temporal Araújo (2007) identifica várias fases na história e evolução dos meios de comunicação social, em que estes podem ser encarados como uma característica essencial da cultura

ocidental e uma dimensão marcante da sociedade actual.

Assim, também as representações das crianças nos *media*, estão em constante evolução. Tal como acontece com os adultos, as crianças são representadas consoante o seu estrato social, género, cultura, idade e/ou aparência física, constatando-se que, habitualmente, figuram mais crianças do género masculino, pertencentes à classe média-alta, que não fazem parte de minorias étnicas ou linguísticas. Além deste facto, é interessante verificar que esta faixa etária surge mais frequentemente em conteúdos comerciais (CARLSSON e FEILITZEN, 1999: 22).

#### **A INFLUÊNCIA DOS MEDIA NA VIDA DAS CRIANÇAS – O PAPEL DO ENFERMEIRO**

*A criança deve ter acesso à informação e a documentos provenientes de fontes nacionais e internacionais diversas, nomeadamente aqueles que visem promover o seu bem-estar social, espiritual e moral* (NAÇÕES UNIDAS, 1989).

De facto, esta é uma premissa patente num dos vários direitos universais da criança, todavia, até que ponto esse acesso deverá ser facilitado? Será que não existem informações, provenientes de tais fontes, que poderão afectar (positiva ou negativamente) as crianças?

Moreira (2003: 1214) auxilia na compreensão desta questão, ao constatar que os meios de comunicação social exercem uma notória influência socializadora e de educação nas crianças, dado que estas são os "segmentos mais expostos", quer os conteúdos veiculados sejam benéficos, ou não, para o seu desenvolvimento social.

Pinto e Pereira (1999: 7), no que concerne a esta problemática, realçam a importância de distinguir dois aspectos - "aquilo que os *media* fazem às pessoas" (especialmente às crianças) em detrimento de "aquilo que as pessoas fazem com os *media*", tornando-se pertinente analisar o uso que as crianças dão a cada meio de comunicação, e como isso influencia o seu desenvolvimento natural.

No panorama nacional, um estudo realizado pela empresa "Zero a Oito" conclui que, das cerca de doze horas que as crianças passam acordadas diariamente, mais de cinco são ocupadas em contacto com os *media*. Neste sentido, as brincadeiras, bem como a interacção com os pais, ficam limitadas a um período de cerca de duas horas, e o tempo dedicado ao exercício físico e aos trabalhos de casa a menos de 60 minutos diários. Além disto, uma em cada quatro crianças portuguesas de oito anos tem, pelo menos, seis meios de comunicação no seu quarto (das crianças estudadas: 45% tem televisão, 40% tem computador e 30% possui aparelhagem ou rádio no quarto) (D'OREY, 2009).

Neste sentido, as histórias, outrora narradas pelos pais, familiares ou pessoas próximas, são actualmente contadas por conglomerados empresariais, muitas vezes com o intuito de vender um produto. Tal, leva a um modelo de "criança consumidora", em que os hábitos de consumo e lealdade a marcas específicas são encorajados. Projectam-se, portanto, clientes muito especiais, que pensam e agem de forma totalmente diferente da criança de outrora (MOREIRA, 2003: 1226; PINTO e PEREIRA, 1999: 9).

Um outro dado preocupante é a relação entre os *mass media* e a violência, que não se circunscreve à televisão apenas, contemplando os videojogos, o cinema, os jornais e vários materiais disponíveis na Internet (CARLSSON e FEILITZEN, 1999: 15).

Moreira (2003: 1218), reforça esta ideia indicando que um jovem ocidental, com cerca de 14 anos, pode já ter assistido a 22 mil mortes nos *media*, activa ou passivamente.

Monteiro, citado por Pinto e Pereira (1999: 6), afirma que, após a visualização de filmes potencialmente violentos, as crianças tendem a sentir-se inseguras no seio da sociedade, não hesitando a agredir os seus colegas perante uma situação hostil. Tal sugere "um processo sociocultural de dessensibilização" (MOREIRA, 2003: 1227).



Também relacionada com a violência, dá-se a alteração da percepção da realidade, pela actuação da cultura mediática no inconsciente. Por exemplo, a concepção de *guerra*, adquiriu um novo significado e conotação, emergindo, igualmente, a incompreensão da dor alheia (MOREIRA, 2003:

1214,1223).

Resumindo, é principalmente o acesso à violência nos filmes e nos jogos, que exacerba a fantasia dos adolescentes de viverem experiências-limite, em busca de emoções cada vez mais fortes, que a realidade não pode, muitas vezes, proporcionar, sendo banalizada pelos *media* (MOREIRA, 2003: 1223).

São também comuns as opiniões de que os meios de comunicação social (televisão, cinema, internet, livros e cartazes/posters) induzem a promiscuidade ou conhecimentos desadaptados sobre a vivência da sexualidade. Todavia, a Organização Mundial da Saúde (2006) acredita que, por exemplo, a internet revela ser eficaz e fiável, no alerta para os perigos das questões reprodutivas e sexuais.

Posto isto, a família tem a responsabilidade de estimular o desenvolvimento de um pensamento reflexivo nas crianças, elucidando-as no que concerne aos valores, atitudes, normas e informações transmitidas por estes meios e procurando saber o que pensam ou sentem acerca do que percebem através destes. Assim, é importante que a família esteja adequadamente informada sobre vários aspectos, nomeadamente, sobre os sinais que podem indiciar um comportamento desajustado.

Neste sentido, os profissionais de saúde devem actuar junto das crianças e dos seus familiares, uma vez que é frequente verificarem-se comportamentos de evitação e distanciamento por parte dos últimos, aquando da abordagem de assuntos como a sexualidade, drogas, violência, entre outros que, no fundo, acabam por ser esclarecidos, bem ou mal, pelos meios de comunicação. Desta forma, os pais/educadores devem desenvolver técnicas de comunicação e diálogo com as crianças e jovens, estabelecer limites nas horas



que estes dedicam a ver televisão e no tipo de programas que vêem. Neste processo, o enfermeiro deverá sublinhar que estas regras devem ser negociadas em conjunto com as crianças, promovendo um clima de confiança propício ao desenvolvimento do pensamento crítico e lembrar a família/educadores que a televisão não os substitui, pois quando a criança ou jovem estiver sozinha, o mais provável é que escolha, por si, os programas a que vai assistir (ROEHRS, et al., 2007: 117; CARMONA, et al.,

1996: 111). Aliás, o enfermeiro deve também destacar a relevância que os tempos passados em família têm no processo de vinculação, desenvolvimento da personalidade da criança e na aquisição de competências para a resolução de problemas ligados ao mundo físico e social (PEDRO, 2005: 13).

Uma vez que o meio escolar é ideal para a transmissão de informações cruciais, de serem veiculadas de uma forma dinâmica e criativa, o enfermeiro poderá desenvolver campanhas de sensibilização, neste contexto, não só dirigidas às crianças, como também aos professores e encarregados de educação.

Desta feita, é crucial que os profissionais de saúde, principalmente, os enfermeiros, estejam despertos e disponíveis para conhecer a realidade dos *media* e dos meios de comunicação, perspectivando o impacto destes nas vivências da criança, uma vez que tal permitirá o desenvolvimento de estratégias adequadas e personalizadas com resultados mensuráveis.

Para colmatar, as crianças aprendem a situar-se no mundo conforme os conteúdos dos programas que vêem, principalmente daqueles que exploram situações de vida, sendo necessário estar atento e assegurar que tais conteúdos correspondem ao mundo real. Perante isto, será importante educar as crianças e os jovens, somente, para que adquiram um olhar crítico sobre o que devem ou não ver, deixando de ser espectadores passivos e inertes (CARMONA et al., 1996: 112).

## CONCLUSÃO

Em jeito de conclusão, perante esta realidade, é essencial incentivar as crianças, a assumir uma postura e comportamento pautados por "uma inteligência crítica dos *media*", desenvolvendo uma perspectiva de educação moral e cívica, em relação aos mesmos. No fundo, a educação para um uso correcto dos *media*, adquire um carácter moral e cívico pelo qual cabe zelar e principalmente ao enfermeiro promover

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Aníbal - *Ciências da Comunicação, Área Interdisciplinar*. Cadernos do Noroeste, Série Comunicação. Vol. 12, n.º1. (1999). 5-18;

CARMONA, Beth et al. - *Televisão e Infância. Comunicação e Educação*. Vol. 5, n.º1 (Janeiro/Abril de 1996). 109-12;

CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecilia - *A Criança e a Media: imagem, educação e participação*. São Paulo: Cortez Editoras, 1999. ISBN 85-249-0831-9;

DUARTE, Rosália et al. - *Crianças e televisão: o que*